

O transgeracional em Elena Ferrante

Victória Bragante

Resenha de Elena Ferrante, *A vida mentirosa dos adultos*, Rio de Janeiro, Intrínseca, 2020, 432 p.

Eu narro experiências comuns, feridas comuns, e meu maior tormento – mas não o único – é encontrar uma tonalidade de escrita capaz de tirar, uma camada após a outra, a gaze que cobre a ferida e chegar à sua verdadeira história. Quanto mais a ferida me parece escondida por mil estereótipos, pelas ficções que os próprios personagens alinhavaram para ocultá-las – resumindo, quanto mais a ferida se mostra refratária à narrativa – mais eu insisto.¹

A intersecção entre psicanálise e literatura é de grande riqueza. Freud fez referências a diferentes autores, Goethe, Leonardo da Vinci, Shakespeare, Hoffmann, Jensen. Podemos pensar que a literatura tem a capacidade de lidar com temas que têm potencial de causar repulsa, constrangimento e por vezes temas indizíveis de uma forma que o leitor não se esquive, não resista ao contato, isso porque eles recebem um tratamento estético

que dribla a consciência moral e ética do sujeito, muito parecido com os processos oníricos.

E é dessa intersecção que não se pode escapar quando deparamos com as obras de Elena Ferrante. A estudiosa de Ferrante Fabiane Secches² usa a metáfora da tecelagem para descrever a obra da autora, apontando que ela faz uso de diversos fios para construir uma narrativa, onde encontramos processos de deslocamento, condensação e figurabilidade próprios da escrita literária, mas sem deixar de lado os afetos e conflitos psíquicos que permeiam os personagens de seus livros. Isso causa no leitor uma sensação de identificação, de que a história poderia ter acontecido com ele ou com algum conhecido. A leitura, que aparenta ser acessível para o público em geral, esconde diversas camadas e parece tocar em experiências afetivas submersas de seus leitores, o que pode explicar o grande fenômeno editorial a cada novo lançamento.

Apesar de o nome Elena Ferrante dispensar apresentações formais, vale ressaltar o destaque que suas obras têm recebido pela crítica e pelo público. Ela ficou conhecida mundialmente pelo que se tornou a tetralogia napolitana, composta pelos livros *A amiga genial*, *História do novo sobrenome*, *História de quem foge e de quem fica* e *História da menina perdida*. Seu nome ganhou ainda mais notoriedade tanto pelo filme lançado a partir do seu livro *A filha perdida*, quanto pelo mistério em torno de sua não aparição pública.

Elena Ferrante é o pseudônimo escolhido para dar nome a uma pessoa sem rosto e sem história, já que a escritora, uma exímia contadora de histórias, preferiu a ausência. Esse é o termo que ela escolhe para justificar o não aparecimento de uma pessoa por trás do nome, em uma tentativa de dar mais liberdade e força a sua narrativa e não à pessoa que a escreve. “Ferrante defende que não escolheu o anonimato, pois seus livros estão assinados, e, sim, o que chama de ausência, um espaço repleto de possibilidades que afetam a escrita de um modo que ela gostaria de continuar a explorar”³.

Em seus romances, Ferrante faz uso de narradoras mulheres, que contam suas próprias histórias que, por sua vez, foram permeadas pelas histórias

¹ E. Ferrante, *Frantumaglia*, p. 330.

² F. Secches, *Elena Ferrante: uma longa experiência de ausência*.

³ F. Secches, *op. cit.*, p. 22.

Victória Bragante é psicóloga formada pela PUC-SP e psicanalista. Membro do grupo de trabalho “Psicanálise e literatura” do Instituto Sedes Sapientiae.

de outras mulheres, criando assim uma sobreposição onde uma não existe sem a outra, marcando uma tentativa de dar contorno a essas histórias femininas. Aqui também é possível identificar a metáfora da tecelã, que com diferentes fios constrói uma história. Existe uma dedicação em sua escrita em traçar e esmiuçar os caminhos trilhados por essas mulheres, um olhar atento para as tradições familiares, para a complexa relação entre os membros de uma família. São personagens que contêm camadas de complexidade emocional e que trazem consigo bagagens desde sua pré-história, nessa dança constante entre passado e presente.

Ela escreve sobre situações de crise, onde algo conhecido ou minimamente estável se rompe e daí irrompem inúmeras coisas, como segredos, lutos impossíveis, casos de amor e traumas. Suas protagonistas são colocadas à prova, obrigando-as a criarem caminhos narrativos para dar conta de antigas vivências, daquilo que não possui palavra ou tornou-se um segredo. Desse modo, o que não foi transmitido por meio das palavras ou que se manteve em segredo segue em busca de uma representação, que não ocorreu nem pelas gerações passadas nem por elas, isso marca a tentativa das personagens de passar de um acontecimento à experiência, pela narrativa. “São as palavras que possibilitam a passagem do acontecimento à experiência. É por meio da linguagem, então, que tentaremos construir bordas para circunscrever algo do vivenciado”⁴.

Isso faz da obra de Ferrante um terreno fértil para a observação do conceito de transmissão psíquica geracional. A autora deixa claro um desejo de narrar uma história que transgride a história oficial, isto é, suas personagens, a partir do contato com a história que lhes foi contada ou não, fazem o caminho de se recontarem essa história colocando elementos novos ou retirando elementos antigos que não lhes pertencem, que não contam da sua trajetória e sim da trajetória de seus antepassados, na tentativa de fazer da transmissão uma herança.

Em a *Vida mentirosa dos adultos* não foi diferente. A protagonista e narradora Giovanna desde

o início da narrativa conta do abalo sísmico que ela sofre em sua identidade e seu desejo e necessidade de desmembrar sua história, de encontrar um sentido nela que lhe pertença.

Eu, por outro lado, escapei para longe e continuo a escapar também agora, dentro destas linhas que querem me dar uma história, enquanto na verdade, não sou nada, nada meu, nada que tenha de fato começado ou se concretizado: só um emaranhado que ninguém, nem mesmo quem neste momento escreve, sabe se contém o fio certo de uma história ou se é apenas uma dor embaralhada, sem redenção.⁵

Na primeira cena do livro, que é também a cena em que o resto da narrativa se apoia para sua construção, Giovanna flagra os pais falando sobre ela, eles estão discutindo a respeito de suas notas e seu mau desempenho escolar. Durante essa conversa, Giovanna escuta o pai dizendo à mãe que ela, a filha, era muito feia. Essa frase não é marcada gramaticalmente como um diálogo, com hífen, como a autora faz em todos os outros momentos, deixando em aberto se essa é uma interpretação tardia da menina sobre a conversa ou se ela foi dita exatamente dessa forma.

A conversa se desenrola e vem a certeza de que a feiura ouvida faz parte de um conjunto de crenças familiares sobre um determinado membro, não se trata de uma feiura estética, como veremos a seguir. A mãe continua reportando ao pai outras queixas dos professores e tenta justificar as dificuldades e mudanças da filha pelo despertar da adolescência, o que o pai interrompe dizendo: “Não tem nada a ver com a adolescência: está ficando a cara da Vitória”⁶.

Descobrimos que Vitória é sua tia, irmã de seu pai, uma pessoa que não faz parte de seu convívio familiar, de quem não se tem notícias e sobre quem não se fala; as poucas vezes em que foi mencionada sempre o foi de modo obscuro e vulgar, deixando em Giovanna a certeza de que essa tia representava algo ruim, feio, e que a distância deveria continuar sendo mantida. Para Giovanna, o motivo desse rompimento familiar não era claro.

A história contada pela família era de que a irmã de seu pai era uma má pessoa e que tinha inveja do sucesso que o irmão havia alcançado na vida. Nada se falava também sobre os avós paternos, era como se não tivesse existido ninguém antes do pai. A história da família começava com ele.

Até o comentário do pai, a vida de Giovanna não havia apresentado muitos percalços. Eles viviam – pai, mãe e filha – na parte nobre de Nápoles, ela frequentava uma boa escola e tinha amigas íntimas. Os pais, professores universitários, mantinham uma vida social e intelectual ativa, o que aparece como uma marca de grande diferenciação em relação à sua família de origem, que era humilde e ignorante, que não sabia falar italiano, apenas o dialeto. Esse dialeto era terminantemente proibido de usar em sua casa; a diferença encontra-se, portanto, desde a própria língua.

Esse comentário leva Giovanna a se confrontar com o espelho, a reparar em sua possível feiura, em sua semelhança maldita com a tia. Essa busca por suas origens que se inicia diante do espelho aumenta, e a menina começa a buscar vestígios dessa tia pela casa, e o que encontra são fotos antigas onde o rosto de Vitória está apagado, riscado. Quem é essa mulher? Que rosto ela tem? Essas perguntas assombram Giovanna, e um abismo se abre. É como se ela não mais fizesse parte de sua família nuclear, como se ela representasse a parte que deveria ficar de fora, a excluída, o monstruoso que sua tia encarnou, mas do qual não se sabe o que é. E é aí que a tia começa a atuar, sobre esse não saber.

Com o desenrolar da narrativa acompanhamos Giovanna em sua busca pela tia, que ela encontra, mas que acaba por se mostrar uma busca por sua própria história, pelo direito de se saber sobrinha e neta, pelo direito de exercer sua sexualidade e de fazer escolhas que a diferenciem de seu núcleo familiar.

Esse não dito, no contexto do livro, é um segredo que, como quase todos, tem a intenção de ser um pacto familiar de proteção, que aos poucos se revela. Protege-se alguém de um fato traumático, de um acontecimento vexaminoso e vergonhoso porque as pessoas que vieram antes na cronologia familiar não conseguiram simbolizar o excesso pulsional causado por essas vivências. Em *A vida mentirosa dos adultos* os pais tentam proteger Giovanna de seu passado familiar e geográfico, desse lugar ignorante e pobre onde os excessos afetivos estão à flor da pele, onde a intelectualidade cede lugar ao passional. Vemos Nápoles, cidade presente em todas as obras de Elena Ferrante, dividida entre o bairro alto, que representa o mais nobre e bonito, mas mentiroso mundo, e o bairro baixo, que representa aquilo que deve ficar de fora de Giovanna: o dialeto, o feio, sua origem humilde. No entanto, o que os pais tentaram com essa cisão da história familiar foi amputar um pedaço da história dela, que insiste em aparecer, mas de maneira sintomática.

O que vemos acontecendo com Giovanna são os conteúdos transmitidos transgeracionalmente atuando. Esse não saber causou uma identificação aprisionante com traços específicos de sua família de origem que não puderam ser elaborados por seu pai, mas sim cindidos. Uma ruptura com os genitores e seus amigos tornou-se a única coisa possível a ser feita. O exercício de sua sexualidade ficou marcado pela desobjetualização do outro e de si. Junto a tudo isso, deflagrou-se uma crise familiar que culminou com a separação de seus pais. Toda sua cena infantil idílica começou a ruir, o que apareceu nessas rachaduras são todos os afetos pulsantes, a agressividade e as mentiras que o pai tentou esconder atrás da figura de um acadêmico politizado.

A transmissão psíquica transgeracional é um material não transformado, um conteúdo cru, que passa de uma geração a outra sem ser tocado, o que não permite uma integração psíquica desses conteúdos por parte do sujeito. Essa impossibilidade de colocar em palavras, historicizar, congela essa história em um tempo que nunca

4 T. Inglez-Mazzarella, *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações*, p. 28.

5 E. Ferrante, *A vida mentirosa dos adultos*, p. 11.

6 E. Ferrante, *op. cit.*, p. 12.

passa, sempre retorna. O que impede o sujeito de criar sua própria história, fazer a sua versão do que lhe foi transmitido, significando e ressignificando. E essa impossibilidade o aprisiona em uma insistência do outro nele.

É exatamente isso que vemos acontecendo com Giovanna, um aprisionamento na história do outro, na impossibilidade de se diferenciar dos medos e lutos que seu pai nunca foi capaz de elaborar. Ela não consegue se fazer herdeira de sua pré-história, isto é, simbolizar e ressignificar todos esses personagens, criando assim a sua versão dos fatos, e na sua busca sempre resta algo do segredo.

O livro acaba sem sabermos o que realmente aconteceu com essa família que foi se dissolvendo ao longo das páginas, mas uma coisa fica clara: existe algo na história do pai que lhe causa vergonha, asco e que ele tentou expulsar, mas que voltou, como sempre volta, nos sintomas de sua filha.

Giovanna, ainda capturada pelo passado que deve ser esquecido, vai embora, rompe, exatamente como seu pai e sua tia fizeram no passado. Mas não sem antes se desfazer do que ela chama de “pulseira da má sorte”, objeto esse que lhe foi dado por sua tia no seu nascimento, mas que ela só soube da existência muitos anos depois. Não sabemos do futuro da protagonista, mas fica a dúvida se a tentativa de trabalho de costura que foi feito durante toda a narrativa, compondo e decompondo acontecimentos das gerações passadas, foi o que possibilitou sua partida ou se estamos lidando mais uma vez com a impossibilidade de elaboração e, portanto, com outro rompimento.

A autora, durante toda a obra, buscou dar voz àquilo que ainda não foi dito, ao segredo que separou todos os membros dessa família, buscando dessa forma criar um espaço em branco, com potencial criativo, para que novas narrativas pudessem ser contadas. Não consigo pensar em algo mais semelhante ao trabalho de um analista quando se está de frente com questões de ordem transgeracional, uma vez que o conteúdo por excelência da transmissão psíquica é aquele que não pode ser colocado em palavras, normalmente decorrente de situações de excessos pulsionais, onde o que se apresenta são histórias que não foram verbalizadas, mas seguem insistentes, pulando de geração em geração em busca de alguma simbolização. Estamos falando sobre histórias que se repetem nas gerações sob a forma de conteúdos recalcados, que estão sob a égide de uma interdição⁷.

E é dessa interdição de fala, pensamento e consequentemente de simbolização que a protagonista sofre, marcas indeléveis da transmissão desse segredo que culminou no apagamento de sua história pregressa e, portanto, na impossibilidade de pensar sua história futura dentro e fora do grupo familiar.

Referências bibliográficas

- Ferrante E. (2020). *A vida mentirosa dos adultos*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- _____. (2017). *Frantumaglia*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Inglez-Mazzarella I. (2020). *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações*. São Paulo: Escuta.
- Secches F. (2020). *Elena Ferrante: uma longa experiência de ausência*. São Paulo: Claraboia.

7 T. Inglez-Mazzarella, *op. cit.*